

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 11 – 2012

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

OS PRODUTORES AGRÍCOLAS E ARTESANAIS DAS COMUNIDADES RURAIS DE SOPA, SÃO JOÃO DA CHAPADA E MENDANHA DISTRITOS DE DIAMANTINA – MG: UMA ANÁLISE SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E POSSIBILIDADES GERADAS PELA INTERNET

Geruza de F. Tomé Sabino¹
Polyana Bernardes²
Alan F. S. Ávila³

O grupo de pesquisa extensionista, Organizações e Sistemas de Informação – OSI, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, criado e certificado pelo CNPQ em 2009, por iniciativa do Departamento de Computação do curso de Sistemas de Informação, em 2010 propôs a presente pesquisa, *Os produtores artesanais das comunidades rurais Mendanha, Sopa, Guinda e São João da Chapada distritos de Diamantina-MG: uma investigação sobre as condições de organização do trabalho e produção artesanal*, ambientada em Diamantina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, e recebeu financiamento ao concorrer ao Edital universal 2010 do CNPQ.

A região do Vale do Jequitinhonha, de acordo com os dados obtidos no site do Pólo Jequitinhonha⁴ da Universidade Federal de Minas Gerais, embora sofra com a pobreza e estagnação econômica, é também considerada uma das regiões mais diversas e ricas em relação ao seu patrimônio histórico e cultural. Composta por 75 municípios dos quais 52 se organizam entre Baixo, Médio e Alto Jequitinhonha, a região se caracteriza por um intenso fluxo migratório, baixa taxa de urbanização e pouca oferta de emprego.

¹ e-mail: geruzaft@hotmail.com – docente do curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

² e-mail: polyanabernardes@gmail.com – estudante bolsista do curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

³ e-mail: alanavila@ufvjm.edu.br – Analista de Tecnologia da Informação do curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

⁴ Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha foi criado em 1996 com o objetivo de articular as iniciativas da UFMG na região do Vale do Jequitinhonha. Para maiores informações confira o endereço: <http://www.ufmg.br/polojequitinhonha/apresentacao.php>

Ainda destaca-se pelas potencialidades do sub-solo abundante em recursos minerais, múltiplos atrativos turísticos e pelo artesanato diversificado, referência para Minas Gerais e para o Brasil.

Diamantina⁵, considerada a maior cidade membro da microrregião Alto Jequitinhonha, está situada numa área fisiográfica denominada Mineradora, na Serra do Espinhaço, que serve como divisor das águas das bacias dos Rios São Francisco e Jequitinhonha. Considerada a maior lavra de diamantes do mundo ocidental no século XVIII, seu terreno favoreceu a exploração dessa pedra no passado colonial, o que lhe rendeu um solo pobre e muito permeável desenvolvendo-se na região uma vegetação de campo rupestre.

A cidade referida, que atualmente tem uma economia que gira em torno do turismo cultural, religioso e de outras prestações de serviços, também derivadas desta atividade essencial como meio de hospedagens, restaurantes, comércio de artesanato, etc, vivencia em seus distritos, a dificuldade em romper com esse lastro histórico de pobreza e falta de acesso. Os distritos e povoados rurais diamantinenses espalhados pela região, que foram se constituindo a medida que era encontrada novas lavras para exploração, com o término da atividade garimpeira, foram obrigados a se organizarem produtivamente de outras formas para garantirem o mínimo sustento às famílias que ali insistiram em permanecer.

Segundo informações concedidas a esta equipe de pesquisa extensionista, pelo Programa Caminhando Juntos – PROCAJ⁶, por meio de entrevistas dadas pelas suas educadoras sociais, verificou-se no trabalho de apoio às famílias dos distritos e povoados que Mendanha, Sopa, Guinda e São João da Chapada, se destacam como aqueles que possuem “vocaçãõ” para os trabalhos artesanais e agrícolas, e que, por este motivo, podem ser priorizados em relação ao apoio dado ao processo de auto-organização das famílias para que estas atividades venham a ser mais uma fonte de renda significativa.

Como alguns distritos e povoados podem se localizar até 150 km de distância da cidade sede, decidiu-se trabalhar com os distritos de Mendanha (25 km), Sopa-Guinda (10 km) e São João da Chapada (27 km)⁷, por serem geograficamente mais próximos da cidade de Diamantina. De acordo com dados obtidos junto a prefeitura municipal e no DRPE de 2010

⁵ Informações retiradas dos sites Circuito dos Diamantes e Associações das Cidades Históricas de Minas Gerais, endereços: <http://www.circuitodosdiamantes.tur.br/diamantina.php> e <http://www.cidadeshistoricasmg.com.br/>

⁶ O Projeto Caminhando Juntos, PROCAJ Diamantina, é uma Organização de caráter e cunho eminentemente filantrópico. Fundada em 30 de maio do ano de 1999, atende a 22 comunidades tendo 650 famílias inscritas na Organização, as quais vivem em situação de privação, exclusão e vulnerabilidade social.

⁷ Confira o site “As Minas Gerais”

<<http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=9465&codConteudoAtual=9468>>

– Diagnóstico Rápido Participativo e Emancipador, elaborado anualmente pelo PROCAJ, juntos esses distritos possuem um total 3.219 moradores.

O desafio que se apresenta a essas comunidades é o de criar mecanismos que sejam geradores de trabalho e renda para as pessoas, fato que deve impulsionar o desenvolvimento sócio-econômico local.

É nesse sentido que o trabalho de investigação buscou atuar. Primeiramente aprofundando o conhecimento quantitativo em relação a essas comunidades, identificando quem são esses trabalhadores construindo um mapa das suas características demográficas. Como não foram encontrados nenhum registro público ou banco de dados formalizado por um órgão público municipal, com informações atualizadas sobre essas comunidades, acreditou-se ser esta a prioridade da pesquisa. Já em contato com a comunidade, buscou-se também aprofundar o conhecimento qualitativo, visando compreender o significado do trabalho artesanal e agrícola, as dificuldades objetivas para realizá-los, as dificuldades do acesso a serviços, informações e tecnologia.

Esperava-se que, conhecendo de perto os principais problemas e carências dos produtores para o trabalho agrícola e artesanal, fosse possível contribuir para a disseminação dessa informação junto a órgãos públicos municipais, e atrair parceiros institucionais que poderiam auxiliar estas pessoas na construção coletiva de uma proposta para o desenvolvimento sócio-econômico local.

Conhecendo as trabalhadoras de São João da Chapada, Sopa e Mendanha

Os primeiros diagnósticos levantados pelo grupo nestes dois anos de trabalho conduziram a algumas análises como a constatação de que as várias famílias cadastradas nos centros comunitários existentes em São João da Chapada, 25 famílias, e Sopa, 15 famílias, são gerenciadas pelas mulheres que, em grande parte dos casos, estão sozinhas em casa para cuidar dos filhos, sobrinhos e netos, e garantirem seu sustento e educação. Pode-se afirmar que esta também é uma característica do grupo de mulheres Bordadeiras de Mendanha, que possui 15 produtoras cadastradas, que trabalham de forma autônoma e 38 aprendizes, crianças e adolescentes que, no contra turno das aulas, aprendem o ofício do bordado com suas varias técnicas. Nestas localidades, as atividades dos homens ainda se concentram no garimpo artesanal, a chamada faisqueira, cujos locais para extração do ouro ou diamante ficam muito distantes de casa, em atividades braçais como servente de pedreiro ou serviços gerais, em

empresas ou fábricas localizadas em Diamantina ou Belo Horizonte e, neste caso, os homens ficam semanas ou meses fora de casa.

No caso da faisqueira, a atividade se torna ainda mais arriscada porque exige muito tempo e disposição para que as “catas” sejam abertas sem garantia de retorno financeiro. O garimpo em Diamantina foi proibido há cerca de 20 anos, tendo como consequência um alto índice de desemprego. Por este motivo a cidade amarga até hoje grandes problemas sociais ligados a violência familiar, as drogas, alcoolismo, suicídios e furtos, principalmente nos distritos e povoados, que estão distantes da sede política. Mesmo assim, muitos homens ainda sonham com o dia em que encontrarão a pedra que mudará suas vidas, e se arriscam no trabalho clandestino.

[...]mãe é doméstica, não trabalha, pai trabalha no garimpo. São cinco (5) pessoas em casa, duas (2) irmãs, eu e meus pais. Mãe estudou até o primeiro ano e pai até a 4ª série de grupo. A principal renda em casa é o sustento do pai, vem através do garimpo onde ele trabalha. Ele tem um grupo de amigos e trabalham juntos no garimpo. Ele não trabalha para uma empresa. Temos ajuda do bolsa família. Pai trabalha em média oito (8) horas diárias, de segunda a sábado, se for preciso trabalham mais de oito (8) horas diárias.[...](**Depoimento de um morador de São João da Chapada**)

Não há emprego nos distritos, seus moradores, embora possuam vínculos fortes com estes locais, cheios de tradições e memórias, trabalham para que seus filhos saiam do local e tentem a vida em mercados de trabalho mais dinâmicos. Os grupos ou associações constituídos a partir da intervenção de instituições não governamentais como o PROCAJ, o fundo cristão, e que são apoiados por outras organizações como a EMATER e o SEBRAE, existem para auxiliar, principalmente as mulheres, a organizarem as suas vidas com os filhos. Estas mulheres permanecem sozinhas, vivendo de pensões ou bolsas famílias e, quando o cuidado com os muitos filhos, netos e sobrinhos não lhes tomam todo o tempo, podem trabalhar na horta, produzir artesanato, realizar trabalhos domésticos ou capinar para complementar a renda e garantir o mínimo de sustento.

[...] Eu nasci na roça, no quartel que eles chama de Quilombo, “des vez enquanto” agente encontra com uma amiga, né, lá é difícil eu ir que é eu que olho esses minino, traibio muito pra poder ajudar, né, que é só um salário lá em casa, ai o pai deles ajuda, mas ele fica mais é fora, ai eu garro e fico trabalhano, cortaram minha bolsa família ai eu fico pelejano, correno, trabalhano pra poder ajudá o salário que meu marido ganha[...](**Depoimento de uma moradora de São João da Chapada**)

Outra preocupação diagnosticada nos distritos, diz respeito aos jovens que precisam ser direcionados ao mercado de trabalho e terem uma ocupação sustentável na comunidade. Esta ocupação deve estimulá-los, envolvê-los, além de proporcionar uma complementação qualitativa na formação. Não raro, encontramos mulheres cujos filhos há muito se mudaram

para a capital, Belo Horizonte, em busca de uma vida melhor. A ociosidade juvenil e a ausência do aparato policial nos locais os fazem vítimas fáceis dos aliciadores sexuais e dos traficantes de drogas.

A estrutura familiar é heterogênia, quando os pais são falecidos os menores vão morar com a tia aposentada ou avó. É comum encontrar jovens e crianças que moram apenas com a mãe enquanto o pai trabalha em outra cidade, é falecido ou ausente pela separação do casal. Irremediavelmente, as mulheres são a base da estrutura familiar. Assim, não há uma única fonte de renda e sim um somatório das pequenas quantias advindas da bolsa família, pensões alimentícias, aposentadorias, trabalhos domésticos diversos, horta comunitária e artesanato.

[...]Eu ganho o bolsa escola, eu faço faxina pros outros, mas só que não é diário não. Quando tem oportunidade de eu fazer, eu faço. E aqui mesmo nem tem outro trabalho pra gente fazer. A gente não tem uma renda mensal, mesmo. Quando recebe é pouco, porque não tem assim aquela coisa de fazer e vender tudo, né!? Então a gente não pode falar que tem uma renda mensal, porque não tem.[...](**Depoimento de uma moradora de Sopa**)

Embora recebam muita ajuda da EMATER e do PROCAJ que levam sempre cursos e capacitações para lidarem melhor com a terra, ou com o artesanato, existem dificuldades infra-estruturais para a continuidade eficaz destas atividades produtivas. Além dos desafios referentes à produção agrícola e à produção artesanal que abrange aspectos quantitativos como formas de investimentos e qualitativos como acabamento e *design* das peças confeccionadas, a divulgação e a logística de comercialização dos produtos agrícolas e artesanais são empecilhos importantes neste processo de geração de renda.

Não há feiras locais onde possam ser distribuídos e vendidos os produtos de artesanato ou agrícola nas comunidades pesquisadas. As feiras são em Diamantina e acontecem aos sábados pela manhã no Mercado Velho, ou no largo Dom João aos Domingos pela manhã. Não são todos os produtores que conseguem participar por causa da dificuldade em se conseguir transporte adequado aos bens produzidos e aos produtores. Sendo assim, aqueles que fazem parte de associações ou grupos organizados conseguem enviar representantes que negociam os produtos e cuidam de remunerar os outros produtores de acordo com as vendas.

O grupo de bordadeiras de Mendanha “Mãos Que Fazem Arte”, por exemplo, de acordo com a coordenadora do grupo, não encontram espaços de comercialização em Diamantina, somente na capital, onde contam com parceiros institucionais que fazem encomendas e organizam feiras eficientes ao escoamento de toda a mercadoria feita sob encomenda. Como participam do programa de apadrinhamento de crianças juntamente com o

Fundo Cristão⁸, encontram mercado para seus produtos em países como a França. Quando estes representantes franceses vem à Mendanha para conhecer seus afilhados, aproveitam para levar encomendas de toalhas, roupa de cama, guardanapo, etc, e já deixam novas encomendas agendadas para serem enviadas posteriormente.

Notando que a maioria das dificuldades encontradas são comuns as comunidades trabalhadas, e que não há intercâmbio entre elas, foi proposto um trabalho em conjunto com as comunidades referidas, para a criação de um portal, um espaço virtual e coletivo para que estas comunidades pudessem interagir. Neste espaço virtual denominado *Portal das Comunidades*, já é possível que essas pessoas tenham acesso independente a informação sobre cidadania e trabalho coletivo, bem como estabelecer um canal de comunicação em que possam trocar experiências, divulgar técnicas produtivas, ações culturais tradicionais, valorizar as diferenças locais, e estimular o diálogo e práticas coletivas para soluções de problemas.

A internet e o empoderamento comunitário

Acredita-se que a internet, além de ser objeto de grande interesse e gerar muita curiosidade em relação a suas potencialidades, é sem dúvida, uma ferramenta integradora capaz de fortalecer os laços de relações sociais entre comunidades que possuem as mesmas carências objetivas, até então extremamente isoladas, proporcionando a seus membros um ambiente de discussões coletivas para acessarem e produzirem novos conhecimentos.

De acordo com Warschauer (2006, p.21), os problemas relacionados aos projetos de TIC existem porque, freqüentemente, estes focalizam muito mais o fornecimento de hardware e software, e dão pouca atenção aos sistemas sociais e humanos que também devem mudar para que a tecnologia faça a diferença. O acesso significativo às novas tecnologias depende, entre outras coisas, do conteúdo, da língua, da educação e das estruturas comunitárias e institucionais existentes.

O excluído digital não se caracteriza apenas pela falta do acesso físico a computadores e à conectividade, mas também pela falta de conhecimentos e habilidades adicionais, que permitam que as pessoas utilizem a tecnologia de modo satisfatório.

[...] A TIC não existe como variável externa, a ser introduzida a partir do exterior, para provocar certas conseqüências. Ao contrário, está entrelaçada de maneira complexa

⁸ O Fundo Cristão para Crianças é uma organização global, com sede nos Estados Unidos, e filial no Brasil e em mais 30 países. Por um valor mensal é possível apadrinhar uma criança através do FCC. A instituição atende no mundo cerca de 15 milhões de pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens, suas famílias e comunidades. Em cada país são desenvolvidos programas sociais de acordo com as necessidades locais, geralmente voltadas para educação, saúde, segurança alimentar e nutricional, acesso à água e desenvolvimento comunitário.

nos sistemas e nos processos sociais. Além disso, do ponto de vista político, o objetivo da utilização da TIC com grupos marginalizados não é a superação da exclusão digital, mas a promoção de um processo de inclusão social. (WARSCHAUER, 2006, p. 23-24)

Ainda seguindo o raciocínio do autor, os conceitos de inclusão e exclusão aqui retratados referem-se à extensão pela qual os indivíduos, famílias e comunidades participam dos fatores relacionados ao emprego, a saúde, a educação, moradia, lazer, cultura e engajamento cívico, o que está diretamente relacionado ao conceito de cidadania. Ou seja, ser cidadão na sociedade burguesa implica ter condições adequadas de reprodução objetiva e subjetiva da vida participando, de forma direta ou indireta, dos projetos e das soluções que envolvem a complexidade da totalidade social.

A internet ao mesmo tempo em que potencializa e contribui para a reprodução incessante do poder capitalista, potencialmente aproxima as populações historicamente excluídas desse processo, dando visibilidade a novos espaços nos quais já estariam se desenvolvendo práticas de interação comunicativa capazes de influenciar em maior ou em menor grau a elaboração, a implantação e o controle de políticas públicas.

Assim, teremos o que autores como Steven Johnson⁹ e Pierre Lévy¹⁰ consideram ser uma inteligência emergente ou coletiva. Isto porque há, de fato, a possibilidade de maior intensificação das relações por meio das tecnologias, as chamadas redes sociais, os blogs, a Web, com plataformas das mais diversas para todo tipo de relacionamento.

[...] Esta situação conduz à formulação de uma idéia de “mente coletiva”, ou seja, um tipo de inteligência gerada pela interação entre agentes de um sistema de comunicação. Essa Inteligência Coletiva seria mais do que a soma das inteligências parciais ou dos elementos incorporados na situação. Trata-se de uma inteligência com propriedades diferentes das inteligências dos indivíduos tomados isoladamente.[...](BRAGA, 2009, p.51)

Na inteligência coletiva, o trabalho não poderia ser gerado por um único indivíduo, por mais inteligente que fosse. É fruto de uma rica interação social cujo produto modifica a comunidade ao mesmo tempo em que introduz mudanças qualitativas nos indivíduos participantes deste processo.

De acordo com Braga (2009, p.51), Lévy define Inteligência Coletiva como “*uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.*” Nestes casos, e sob certas

⁹ Sobre o assunto confira JOHNSON, Steven. 2003. *Emergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

¹⁰ Sobre o assunto confira LÉVY, Pierre. 2003. *A Inteligência Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola.

condições, a sinergia criada pela interação colaborativa, especialmente na internet, faz surgir potenciais superiores de aprendizagem e criação.

Pode-se afirmar que a falta de acesso à tecnologia da informação por parte das populações localizadas em regiões economicamente pobres, ou, como afirma Castells (1999, p.26) a inabilidade para dominarem a tecnologia, embora não determine a transformação ou evolução social, inviabiliza o desenvolvimento de potencialidades para além desta condição.

Por este motivo, acredita-se que as ferramentas acima mencionadas são parte integrante do processo de empoderamento capaz de promover mudanças importantes na vida destas pessoas.

A importância da ação extensionista como ferramenta mediadora do processo de investigação da realidade dos distritos.

No contato com os trabalhadores artesanais e agrícolas dos distritos de Diamantina, percebeu-se que o processo de levantamento de informações não seria facilitado se não contássemos com a ajuda das educadoras sociais do PROCAJ que prestam serviços à comunidade há anos e, portanto, possuem um laço de confiança importante para a realização das atividades do grupo.

Em São João da Chapada¹¹, por exemplo, os trabalhadores cadastrados no centro comunitário “Nossa Casa”, já estavam relutantes porque recebiam a visita de vários pesquisadores interessados nos hábitos e costumes local, recebiam várias propostas de cursos de qualificação em informática e nunca conseguiam ver o final destas ações. A maioria das propostas não tinham continuidade.

Em contrapartida, depois de serem tão estudados, pesquisados, analisados, sem que isto significasse na prática um benefício à comunidade, atualmente sempre esperam que estes grupos tenham algo a oferecer, ou seja, que não cheguem nos locais apenas querendo extrair dados ou informações sem nada deixarem. O mesmo ocorreu na associação comunitária em Sopa que a exemplo de São João induziu a equipe deste projeto a agir do mesmo modo, ou seja, a realizar alguma intervenção significativa na comunidade e que pudesse trazer benefícios a todos.

¹¹ O distrito de São João da Chapada foi bastante projetado no cenário regional por causa de um morador do Quartel do indaiá, um povoado quilombola do local, que foi ator principal em um filme rodado no próprio Quartel e em São João intitulado TERRA DEU, TERRA COME, do diretor Rodrigo Siqueira. Levou o prêmio de Melhor Filme na Mostra Panorâmica, do 38º Festival de Gramado, além de uma excelente acolhida entre o público, os jornalistas, a crítica e os cineastas que assistiram. Os próprios moradores de São João e do Quartel nunca viram o resultado dos trabalhos dos pesquisadores e cineasta.

O grupo OSI foi bem sucedido em ambos os casos, ao contrário do que ocorreu em Guinda, localidade na qual não foi possível seguir com os trabalhos por falta de articulação interna e fragilidade na liderança comunitária, já que a única associação apresentada tem sua sede em Diamantina e trabalha com artesãos independentes. As educadoras sociais do PROCAJ, que à época não tinham programas sociais no distrito de Guinda, já haviam indicado que seria muito difícil encampar atividades deste tipo no local.

O que inicialmente era apenas um trabalho de investigação passou a ser também uma ação de extensão, o que exigiu ainda mais envolvimento do grupo com as pessoas, já que o trabalho seguiu uma metodologia participativa-dialógica para a construção de um novo espaço político de diálogo e difusão do trabalho e da cultura local.

Assim nasceu o projeto de extensão *“Estratégias para o empoderamento dos distritos de São João da Chapada, Mendanha e Sopa: usando a internet como meio de integração.”*, que foi iniciado com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em agosto de 2011, e que já está entrando na sua fase final. Como explicitado no próprio título do projeto, o objetivo é empoderar as comunidades dos Distritos mencionados, por meio do desenvolvimento de habilidades técnicas que possibilitem aos trabalhadores agrícolas e artesanais a participarem da construção de um site na internet, denominado “Portal das Comunidades”.

Levando em consideração as distâncias geográficas entre os distritos e povoados e o relativo isolamento destas populações tendo em vista as dificuldades de acesso de muitas dessas localidades, o Portal atuaria potencialmente como ferramenta integradora dando visibilidade a diversidade de trabalhos e eventos realizados nas comunidades, contribuindo para a preservação da memória, difundindo e valorizando a cultura local, oferecendo um ambiente virtual em que haja intensa comunicação, integração e autoaprendizagem.

Suas ações estão vinculadas ao Programa de pesquisa e extensão “TEIOS” – Tecnologias da Informação e Organizações Sociais –, devidamente registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM, que tem como objetivo impulsionar, por meio de projetos de extensão e pesquisa, que envolvam as tecnologias de informação, a intensificação das relações entre o curso de Sistemas de Informação da UFVJM e outros cursos da universidade, bem como entre os diversos setores da sociedade Diamantinense e dos Vales do Jequitinhonha que trabalham e apóiam a inclusão digital, contribuindo para o protagonismo comunitário, o fortalecimento da cidadania e melhoria da realidade sócio-econômica local.

A demanda por um projeto de extensão que tivesse como objetivo criar um ambiente virtual no qual as comunidades pudessem construir uma estrutura horizontal de articulação,

compartilhando valores éticos, políticos e culturais, era o maior desafio. Esta ferramenta teria o propósito de mediar a difusão da cultura local valorizando suas histórias e memórias, apresentar seus trabalhos artesanais e artísticos e, além disso, criar seções interativas para estimular as trocas de experiências e saberes entre distritos.

O “*Portal das Comunidades*”¹², tem por princípio proporcionar aos trabalhadores artesanais e agrícolas destas localidades oportunidades de elaborarem informações sobre seus modos de organização do trabalho, produção, bem como de divulgar sua cultura local, artesanato e datas festivas, organizá-las em arquivos de vídeos, imagens, áudio e textos feitos pelos próprios moradores, e de disponibilizá-los neste site coletivo.

Para a construção efetiva do Portal foi necessário dividir este processo em dois momentos. Na primeira fase ocorreram seminários internos no grupo sobre textos e artigos previamente selecionados pela coordenadora do projeto gerando assim, diversas discussões a respeito de temas como: inclusão digital, cidadania, cooperativismo, tecnologias sociais e desenvolvimento sustentável. Esta etapa foi fundamental para situar as discussões da equipe em relação ao que de fato é prioridade no processo de intervenção na comunidade, a reflexão sobre a criação e o desenvolvimento de linguagens tecnológicas que sejam efetivamente acessíveis e a reflexão sobre a postura política destes cidadãos que se encontram em condições econômicas desfavoráveis ou vulneráveis e que, portanto, precisam se mobilizar coletivamente em prol da comunidade. Nesta fase também foram elaborados o roteiro das entrevistas que faríamos com os trabalhadores para obtermos as primeiras informações sobre a organização do trabalho e da vida em comunidade.

A segunda etapa, que havia como objetivo principal o início dos trabalhos de campo, foi precedida de reuniões em que foram discutidos os procedimentos metodológicos para tal. O contato estabelecido no momento em que as entrevistas foram aplicadas foi fundamental ao estreitamento das relações da equipe de trabalho com as pessoas da comunidade, fato que possibilitou entrosamento e confiança para que, aos poucos, as necessidades das comunidades viessem à tona.

A idéia do site e de seu conteúdo foi discutida coletivamente com os trabalhadores, sendo primordial que a coordenação do projeto instigasse a participação de cada um deles com questionamentos individuais, brincadeiras, até que com muito calma, as pessoas se sentissem a vontade para contribuir. Mesmos aqueles trabalhadores mais simples participaram de maneira preciosa, pois este espaço virtual que estava sendo proposto seria o local onde as

¹²Confira: <http://www.teios.org/portaldascomunidades/>

suas vidas também poderiam ser contadas, reveladas, e o mais importante, sob o ponto de vista da comunidade. Não é uma construção fácil, demanda tempo.

Em todos os encontros com as comunidades foram feitas filmagens de pessoas contando “causos” e curiosidades do local, fotos dos moradores, do distrito, dos artesanatos e das plantações comunitárias. Foram feitas algumas edições dos vídeos que já foram inseridas no site criado para as três comunidades. O site contém menus específicos de cada comunidade, mas também um menu geral para que as três comunidades possam trocar experiências a respeito de objetivos comuns.

Logo após a primeira manutenção do site, foi realizado um encontro em São João da Chapada e outro em Sopa para apresentar os resultados obtidos com a inserção das informações cedidas e discutidas nas reuniões nos centros comunitários. Esta etapa foi importante para que todos pudessem acompanhar o processo de perto e ter uma idéia de como terão que alimentar o site quando forem os responsáveis por esta tarefa. Notou-se o interesse de todos ao perceberem que a internet é um meio de divulgar seus trabalhos, cultura e o distrito por todo o mundo.

É claro que foram muitas as dificuldades para realização da execução dos trabalhos que ainda permanecem. Como mencionado anteriormente, o acesso não é facilitado, pois todas as estradas que levam até os distritos são de terra com exceção de Mendanha cujo trabalho de campo se iniciou em abril. Há sinal de internet em todas as localidades e em São João da Chapada existe um telecentro com nove computadores em bom estado para uso, onde normalmente são dados cursos rápidos de informática por iniciativa da igreja ou prefeitura que, segundo os trabalhadores entrevistados, nunca terminam. O PROCAJ recentemente ganhou 200 computadores que depois de diagnosticados e liberados para uso, serão encaminhados aos distritos para apoio aos projetos de inclusão digital, o que auxiliará iniciativas como a deste trabalho.

O portal que já está no ar, ainda está sendo alimentado com informações e imagens sugeridas pelos trabalhadores, faltando também mais alguns ajustes estruturais para finalmente o entregarmos às comunidades. E é neste momento que outro desafio se inicia: a capacitação técnica de multiplicadores, jovens e trabalhadores com noções de informática, para que estes possam alimentar o site com as informações e imagens produzidas pela comunidade, além de serem capazes de replicar este conhecimento a qualquer pessoa que manifestar interesse.



Figura 1 – Home Page do portal das Comunidades.

Considerações Finais

O portal é fruto de um trabalho árduo que contou com o esforço indispensável da comunidade, de toda a equipe do grupo do grupo OSI e de estudantes voluntários. As visitas às comunidades se iniciaram em março de 2011, e foi um processo demorado já que envolvia o comprometimento e a parceria dos trabalhadores e artesãos cadastrados nos centros comunitários. O Programa Caminhando Juntos – PROCAJ, foi indispensável na etapa de aproximação com os distritos, visto que conhecem de perto a realidade vivida por cada um destes trabalhadores e trabalhadoras. Esta instituição apostou neste projeto e nas vantagens e oportunidades que esta ação poderia trazer, mediando o agendamento das várias reuniões que foram feitas nos locais e ajudado a encontrar espaços adequados para os trabalhos com a comunidade.

Aos poucos, superada a barreira do poder simbólico que distanciava o grupo de pesquisa extensionista destes trabalhadores, pelo fato daqueles representarem o saber universitário, foi conquistada a confiança e amizade dos moradores cadastrados como artesãos e trabalhadores da agricultura de subsistência local, e iniciado um diálogo sem hierarquias, no qual os acadêmicos aprenderam a ler os sinais de timidez e a provocarem reações que

poderiam conter um desabafo, relatos de experiências tristes ou alegres, informações importantes sobre as condições de trabalho, de vida, a falta de acesso a saúde, tecnologia, a prostituição infantil, as drogas e a ociosidade da juventude, problemas comuns a todos os distritos trabalhados.

Assim, ouvindo e absorvendo os detalhes da linguagem simples, discutindo em conjunto com estas pessoas, rompendo as dificuldades relacionadas ao transporte de bolsista e estudantes voluntários aos distritos, seja pela necessidade do coordenador sempre ter que estar presente, visto que só ele pode dirigir o carro oficial, seja pela dificuldade de acesso aos veículos que possui uma demanda extremamente alta na universidade, foi possível construir o portal fruto da participação coletiva e dialógica.

Acredita-se que a internet, tendo em vista seu caráter dialético que, por um lado, é parte integrante do processo de reprodução ampliada do capital e, por outro, viabiliza a construção de um espaço dialógico sem hierarquias, aproximando grupos sociais dispersos geograficamente, pode ser um mecanismo eficaz para que as comunidades em questão desencadeiem novas possibilidades de geração de renda e trabalho.

Verificou-se que a agricultura familiar e o artesanato, enquanto instrumentos de desenvolvimento econômico local e expressão cultural é uma possibilidade de fato nessas comunidades e precisam ser devidamente fomentados. Além disso, foi constatada uma demanda latente entre os jovens destas comunidades para o uso de computadores e acesso a internet.

Estes jovens possuem expectativas e estão ávidos por informações que podem ser acessadas via internet e que os colocariam em contato direto com o mundo.

As ferramentas computacionais e a internet podem ser instrumentos importantes à medida que viabilizam o empoderamento político da comunidade, ou seja, dão voz e rosto a uma população, que se encontra geograficamente muito longe da efervescência econômico-cultural existente na sociedade da informação. Se apoderando desta tecnologia, estas pessoas podem se comunicar com mundo, trocar experiências, publicar e divulgar suas ações culturais e modo de organização produtiva e finalmente, se sentirem integrados a este processo histórico, fazendo a diferença.

Referências

AVELINO, Izabel; KUWATA, Jefferson; BARRERÉ, Eduardo. *Construção de sites para comunidades virtuais e intranet utilizando CMS*. Rio de Janeiro: Associação Educacional Dom Bosco. Disponível em:

<<http://www.aedb.br/seget/artigos06/602_Artigo_Construcao_de_Sites_com_CMS.pdf>>
Acesso em: 30 out. 2010.

BRAGA, Eduardo Cardoso. As redes sociais e suas propriedades emergentes como a inteligência coletiva: a criação do comum e da subjetividade. In: *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*. Número 2. Julho-dezembro/2009. ISSN 1984-3585. p.48-59.

Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/pdf/teccogs_n2_2009_artigo_braga.pdf>>
Acessado em: 25 jan. 2011.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Org.). *REDES, Sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

VALOURA, Leila de Castro. *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador*. 2006. Disponível em:

<<http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo_Freire_e_o_conceito_de_empoderamento.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. São Paulo: Ed. Senac, 2006.